



Grandes personagens para grandes causas: os documentários de Kim Longinotto revelam alguns dos dramas mais presentes, e secretos, do nosso mundo. Retrospectiva, desde ontem, no Porto e em Lisboa.

Francisco Valente

Longinotto vai aonde tiver de ir atrás de uma história: fez *Pink Saris* na Índia, *Hold Me Tight...* em Inglaterra, *Dream Girls* no Japão

Um cinema contra o silêncio e a tradição

Das funções que se podem atribuir ao cinema, uma delas será levar-nos para territórios habitualmente escondidos. Kim Longinotto, documentarista britânica, tem respondido a essa ideia desde que escolheu o cinema para contar as suas histórias. Ou melhor, as histórias reais de pessoas que lutam contra o mundo em que vivem. No Irão, filmou a batalha por um divórcio (*Divorce Iranian Style*, 1998). Nos Camarões, na África do Sul e na Índia, grupos que defendem vítimas de abuso sexual (respectivamente *Sisters in Law*, 2005; *Rough Aunties*, 2008; e *Pink Saris*, 2010). No Quênia, a luta de jovens raparigas contra a mutilação genital (*The Day I Will Never Forget*, 2002). No Reino Unido, a difícil educação de crianças vítimas de traumas emocionais (*Hold Me Tight, Let Me Go*, 2007).

Cada um destes filmes, que a Zero em Comportamento e o Programa ARTES da Fundação Manuel António da Mota estão a apresentar no Porto (Passos Manuel, desde ontem e até amanhã), e a seguir mostrarão em Lisboa (Cinema City Alvalade, 4 a 7 de Abril), foca-se em temas de forte cariz social e político. Mas o olhar de Longinotto não é panfletário. É antes focado no



drama humano e emocional de pessoas presas a histórias familiares que as impedem de ser independentes. “Não quereria fazer um filme que não tivesse uma história”, explica ao Ípsilon. “Não gosto de filmes que nos dizem como pensar, gosto de seguir as pessoas e envolver-me nos acontecimentos, de ter uma experiência a partir disso.” *Divorce Iranian Style*, talvez o seu documentário mais conhecido, responde a essa complexidade: trata de pessoas que lutam contra instituições ou contra a tradição, mas também contra si mesmas. “Antes de fazermos o filme, os documentaristas sobre o Irão eram muito noticiosos: o regime era mau, nunca víamos mulheres a falar, e as pessoas não revelavam as suas emoções”, conta. “Ficávamos com a ideia de que era um país muito fanático. Mas estamos a lidar com contradições e áreas cinzentas, não há um bem e um mal absolutos.”

Há um peso que atravessa todas estas obras: a tradição, que diz que as jovens quenianas têm de ser mutiladas, ou que as jovens indianas devem casar-se em crianças. “A tradição sobrevive na sociedade através do medo”, diz Longinotto. “É-nos dito que não pode ser mudada porque existe há muito tempo. Por parecer imortal, confunde-se com a verdade, e existe uma cultura de silêncio que não nos permite falar.” Mas o olhar da cineasta, nestes filmes, não se assume como redentor. Salvar estas vidas é um papel reservado às pessoas que têm o difícil trabalho de mudar, por dentro, as suas sociedades: “A líder das *Rough Aunties* veio conhecer-me a Londres e disse que queria que fizesse um filme sobre elas. Não porque queriam ser famosas, mas porque são atacadas por todos os lados: pela polícia, pelos assistentes sociais, pelo Governo, pelos hospitais.” A realizadora evoca o caso do conhecido apresentador de televisão Jimmy Savile – a sua morte recente trouxe à tona décadas de abuso sexual no Reino Unido. “Se as pessoas tivessem entrado nas escolas e dito ‘Talvez muitos de vocês tenham sido abusados por pessoas com poder’, essas coisas não teriam durado tanto tempo.”

Abrir a cabeça

Que lugar pode então ocupar o cinema nas zonas mais abafadas pelo

silêncio? “No início dos motins da Primavera Árabe, foi um evento que despoletou tudo [a imolação de um vendedor de rua]. Mas as pessoas falavam entre si por meios de comunicação clandestinos, pela Internet. Acontece o mesmo agora na Índia em relação a algo que já existe há milhares de anos [os casos impunes de violação de jovens raparigas], tem a ver com educação e informação. O cinema também faz parte da mudança, um filme pode abrir-nos a cabeça.”

A mudança de mentalidades que Longinotto evoca não se resume aos costumes e às tradições milenares. Nos seus filmes, as mulheres assumem papéis tradicionalmente masculinos e vice-versa, mexendo com os equilíbrios sociais instalados. Para a realizadora, “os homens, no século XXI, não querem encarnar o lugar de chefe de família”. “As mulheres também não têm de ocupar papéis tradicionais ou de casar. É por isso que as autoridades sentem medo da mudança: tudo o que montaram começa a desfalecer.”

Longinotto filma “as pessoas que procuram a mudança”. “Numa sociedade muito tradicional como a que estão a tentar construir no Irão, dizem-nos que os homens e as mulheres são espécies totalmente diferentes, que não existe nada no meio. Mas sabemos que estamos sempre entre os dois, e é isso que faz com que a vida mereça ser vivida”, argumenta. É uma barreira que também está presente em *Dream Girls* (1993), sobre uma escola japonesa de interpretação musical feminina em que jovens raparigas ambicionam papéis masculinos. “No Japão, as pessoas conseguem pensar através de uma dualidade que não temos. Ali, aquelas mulheres são vistas como homens ideais por pessoas que sabem que são mulheres, mas não se sentem confundidas por isso.”

O que excede então essas fronteiras e nos permite não só lutar contra injustiças sociais e humanas, mas aprender a viver com a diferença? “Se olharmos para a escola de *Hold Me Tight, Let Me Go*, [percebemos que] temos de aprender a amar e a confiar nas pessoas para viver. E é isso que aqueles professores fazem com aqueles miúdos emocionalmente perturbados. Dizem-lhes que mesmo que continuem a bater e a cuspir neles, só vão responder com amor.”